



**Fondation
Lilian
Thuram**
Éducation
contre
le racisme

www.thuram.org



**Próximo Next
futuro future**

**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**

**AS MINHAS
ESTRELAS
NEGRAS**

DE LUCY A BARACK OBAMA

**AS MINHAS
ESTRELAS
NEGRAS**

DE LUCY A BARACK OBAMA

LILIAN THURAM

EM COLABORAÇÃO COM
BERNARD FILLAIRE

ILUSTRAÇÕES
VERA TAVARES

TRADUÇÃO
SUSANA SOUSA E SILVA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I I I

ÍNDICE

© 2013, Lilian Thuram
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29 /30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *As Minhas Estrelas Negras. De Lucy a Barack Obama*
Autor: Lilian Thuram
Tradução: Susana Sousa e Silva
Ilustrações: Vera Tavares
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2013
ISBN 978-989-671-170-2
Depósito Legal n.º 363507/13

INTRODUÇÃO	15
A Nossa «Avó» Africana	19
<i>Lucy</i>	
Os Faraós Negros	25
<i>Tabarka</i>	
Um Sábio da Grécia Antiga	35
<i>Esopo</i>	
«Todas as Vidas São Uma Vida...»	41
<i>Os caçadores do Mandé</i>	
O Orgulho e a Coragem de Uma Rainha	47
<i>Ana Nzinga</i>	
A Combatente pela Renovação	55
<i>Dona Beatriz</i>	
O General do Exército Imperial Russo	65
<i>Abraham Petrovich Hanibal</i>	
Um Filósofo Oriundo do Gana	69
<i>Anton Wilhelm Amo</i>	

O Músico Iluminista	75
<i>Cavaleiro de Saint-Georges</i>	
«Arrancai Comigo a Árvore da Escravatura»	83
<i>Toussaint-Louverture</i>	
O Libertador do Haiti.....	101
<i>Jean-Jacques Dessalines</i>	
A Poetisa do Paraíso Perdido	107
<i>Phillis Wheatley</i>	
O Juramento dos Antepassados	113
<i>Guillaume Guillon Lethière</i>	
«E Aparece Um Punho a Rasgar o Nevoeiro»	117
<i>Louis Delgrès & Solitude</i>	
«E não Serei Eu Uma Mulher?»	129
<i>Sojourner Truth</i>	
O Maior Poeta Russo.....	135
<i>Alexandre Pouchkine</i>	
O Primeiro Negro Americano Candidato à Presidência	141
<i>Frederick Douglass</i>	
A Guia para a Liberdade	151
<i>Harriet Tubman</i>	
Contra a Invenção das Raças.....	159
<i>Joseph Anténor Firmin</i>	
O Primeiro «Preto» Negro da Politécnica.....	169
<i>Camille Mortenol</i>	

O Primeiro Homem a Chegar ao Pólo Norte	175
<i>Matthew Henson</i>	
Um Turbilhão sobre Duas Rodas.....	181
<i>«Major Taylor»</i>	
O Inferno dos Jardins Zoológicos Humanos	185
<i>Ota Benga</i>	
Back-to-Africa	193
<i>Marcus Mosiah Garvey</i>	
«Descansar nunca, Combater sempre, Matar sempre, Negros!»	203
<i>Thierno Diop, Oujaran Ollian, Siriki Kone, Dyne Sylla, Tiemcoumba</i>	
O Campeão do Mundo	213
<i>«Battling Siki»</i>	
A Libelinha Negra	223
<i>Panama Al Brown</i>	
A Pluma da Ira	229
<i>Richard Nathaniel Wright</i>	
O Resistente Que não Falou	241
<i>Addi Bá</i>	
Descobridores de Génio	251
<i>Cientistas, inventores, investigadores</i>	
«Estranho é o Fruto Que Nasce nas Árvores do Sul»	259
<i>Billie Holiday</i>	

«Soou a Nossa Hora»	265
<i>Aimé Césaire</i>	
Devolver África aos Seus Filhos	277
<i>Patrice Émery Lumumba</i>	
Pele Negra, Máscaras Brancas.....	291
<i>Frantz Fanon</i>	
A Faísca	303
<i>Rosa Louise McCauley Parks</i>	
A Liberdade ou a Morte.....	313
<i>Malcolm X</i>	
Um Sonho Que Mudou o Mundo	323
<i>Martin Luther King</i>	
O Militante do Povo Africano	337
<i>Mongo Beti</i>	
«Sou Hiper-Rápido! Combato com o Cérebro»	347
<i>Mubammad Ali</i>	
Aquele Que Ousou Erguer o Punho	355
<i>Tommie Smith</i>	
De Dez Mil Dias na Prisão à... Presidência.....	363
<i>Rolihlabla Nelson Mandela</i>	
O Viajante Interplanetário.....	377
<i>Cheick Modibo Diarra</i>	
A Voz dos Que não Têm Voz	387
<i>Mumia Abu-Jamal</i>	

O Que o Rap nos Grita	397
<i>Tupac Amaru Shakur</i>	
A Estrela da Esperança	409
<i>Barack Hussein Obama</i>	
Não, Este Mapa não Está ao Contrário.....	421
Palavras Que Libertam o Futuro	425
BIBLIOGRAFIA	431
AGRADECIMENTOS	437

À minha primeira estrela, a minha mãe Marianna

Às minhas irmãs, Martine e Liliana

Aos meus irmãos, Gaëtan e Antonio

Aos meus filhos, Marcus e Khephren

A Alya e a Karine

E às crianças de todo o mundo

INTRODUÇÃO

Em que momento do vosso percurso escolar ouviram falar dos negros pela primeira vez? Sempre que faço esta pergunta, a grande maioria, senão a totalidade, dos meus interlocutores responde: a propósito da escravatura.

Lembro-me da primeira vez que me falaram deste tema, na escola. Eu era o único aluno negro da turma e fiquei de tal forma chocado que me interroguei sobre qual teria sido a história dos meus antepassados antes da escravatura. Senti-me rotulado, marcado com um ferro em brasa, sozinho, diante de uma turma que eu via agora com outros olhos e que, provavelmente, passara também a encarar-me de maneira diferente, e não me atrevi a fazer a pergunta. Para mim, a escravatura resumia-se a isto: «Os brancos reduziram os negros à escravatura.»

Para compreender a minha reacção, o leitor tem apenas de se colocar no meu lugar. Imagine um jovem branco que, ao longo da sua escolaridade, não ouve uma única referência a um cientista branco, a um soberano, revolucionário, filósofo, artista, escritor ou escritora da sua cor! Pense num universo onde tudo o que é belo, profundo, delicado, sensível, original, puro, bom, subtil e inteligente é invariavelmente negro, e onde Deus, o Ser Supremo, também é negro. Imagine a sua perturbação. A criança interrogar-se-ia sobre se um branco alguma vez teria feito alguma coisa de bom, até que um dia, o programa escolar lhe ensinaria, finalmente, algo sobre si própria: «Os teus antepassados eram escravos.» Uma informação tão simples como esta, com uma

introdução à História nestes termos, só poderia inferiorizá-la. Que exemplo para o futuro, que visão de si própria!

No meu caso, à medida que os anos passavam, as perguntas avolumavam-se. Ouvia os adultos negros conversarem entre si e afirmarem com absoluta certeza que os brancos eram racistas e que jamais deixariam de o ser.

Ao longo da minha vida, tive a sorte de conhecer pessoas que, à sua maneira, me ofereceram as chaves de que necessitava para compreender a História e descobrir outras grandes figuras da humanidade além das que costumam figurar nos manuais escolares, em especial as estrelas negras, cujo trabalho, grandiosidade e obra são, muitas vezes, desconhecidos.

Percebi que a escravatura não foi um confronto entre negros e brancos, mas um sistema económico, uma actividade metódica, organizada, uma transacção de seres humanos cuidadosamente planeada. Os próprios brancos conheceram a condição de escravos ao longo da História, e a prová-lo está a origem do termo «escravo», que deriva do nome de uma região da Europa de Leste, a Eslavónia.

Desloco-me frequentemente a escolas para falar sobre o racismo e costumo perguntar aos alunos quantas raças existem. «Quatro», respondem eles, lamentavelmente: «A branca, a negra, a amarela e a vermelha.» É este o fundamento do racismo. É absurdo que as crianças continuem a desconhecer que existe apenas uma espécie de Homem, o *Homo sapiens*. Também costumo perguntar-lhes que qualidades atribuem a essas pretensas raças e obtenho respostas do género: «Os negros são bons em desporto, sabem dançar e cantar bem...»

Hoje, que outra ilação podemos tirar a não ser a de que a tarefa da educação continua por se cumprir? E, no entanto, se observarmos as sociedades em que vivemos, como poderemos culpar as crianças? Estas representações permanecem inscritas no nosso

imaginário colectivo. As mentalidades só terão evoluído no dia em que, nos manuais e nos cartazes afixados nas escolas, figurarem cientistas, inventores... de todas as cores, no dia em que for ensinada a história das grandes civilizações africanas, asiáticas ou ameríndias, como as do Mali, as da Índia ou as do México.

Se queremos realmente mudar a nossa sociedade e combater o racismo, a discriminação positiva ou o comunitarismo não são o caminho a seguir. Só uma mudança de imaginário poderá aproximar-nos e derrubar as barreiras culturais que nos separam. Só então será possível transpor o grande obstáculo que se esconde por detrás de termos e expressões como «minorias visíveis», «diversidade» — os «vós» e os «nós» determinados pela cor da pele.

Enquanto formos reféns da ideologia científica do século XIX, que classificou os homens e as mulheres como «superiores» e «inferiores», não conseguiremos compreender que a alma negra, o povo negro, o pensamento negro são tão reais como a alma branca, o povo branco ou o pensamento branco. São meras construções intelectuais. O negro não é mais do que o branco e este não é mais do que o negro, não existe uma missão negra, nem um fardo branco, nem uma ética negra, nem uma inteligência branca. Não há uma história negra e uma história branca. É necessário reavaliar todo o passado do mundo a fim de nos compreendermos melhor e de prepararmos o futuro dos nossos filhos. Espero contribuir para isso com este livro.

A NOSSA «AVÓ» AFRICANA LUCY

3180 000 ANOS

Temos uma só origem. Somos todos africanos, nascidos há três milhões de anos, e isto deveria incitar-nos à fraternidade.

YVES COPPENS

A minha narrativa sobre a longa marcha da mulher e do homem negros só poderia iniciar-se com o Primeiro Homem, já que, como é reconhecido por todos os investigadores, o homem nasceu em África. Os oitenta mil milhões de *Homo habilis*, *erectus*, *sapiens...* que existiram até ao presente têm uma origem comum, pelo que falar dos negros significa falar das mulheres e dos homens de todas as cores, uma ideia que corrobora o projecto do meu livro.

Agrada-me o *Homo*, seja o *habilis* (o primeiro), o *erectus* (o segundo) ou o *sapiens* (o moderno), porque ele simboliza um espírito cheio de curiosidade, engenho e descoberta. No entanto, é necessário recuar até ao período dos pré-humanos e de Lucy, nascida na África Oriental há 3180 000 anos, pois ela representa, para nós, o conjunto das épocas pré-históricas.

De acordo com a classificação científica, Lucy não era seguramente um ser humano, mas integra o viveiro das espécies que originaram a humanidade. É «uma das flores do ramo» pré-humano. Lucy é a mascote da humanidade, a avó simbólica de todos nós, apesar de já ter sido ultrapassada em antiguidade por um fóssil queniano com 6 milhões de anos, por outro, etíope, com 5,7 milhões de anos e ainda por um chamado Tumaí, descoberto no Chade, que viveu há cerca de 7 milhões de anos.

Interessado em saber mais sobre Lucy, encontrei-me com Yves Coppens, professor no Collège de France e um dos seus descobridores, juntamente com Donald Johanson e Maurice Taïeb. Yves Coppens, que além de investigador é também pedagogo e contador de histórias, define a história de Lucy como a «história da história da heroína da história da história do Homem», um grande conto iniciático que nos ensina muito acerca de nós próprios e que nos situa no devido lugar, na tabela dos tempos imemoriais.

«No centro de um rectângulo a céu aberto, com dez metros por dois e escavado por acção das águas pluviais, afloravam dezenas de pequenos fragmentos de osso que pareciam prefigurar o esqueleto quase completo de um único indivíduo.» A descoberta deste primeiro fóssil, no dia 24 de Novembro de 1974, nas colinas de Afar, na Etiópia, permanece na memória dos cientistas como um acontecimento inesquecível.

Ao fim do dia em que foi encontrado este maravilhoso testemunho, que resistiu milagrosamente aos predadores, às pressões, à erosão e à destruição, Yves Coppens e os seus colegas procediam à marcação do seu achado, na tenda onde habitualmente classificavam os fósseis. A ocasião foi comemorada com champanhe. Um dos elementos do grupo pôs uma cassete dos Beatles no gravador e todos começaram a cantar *Lucy in the Sky with Diamonds*. Lucy! Este nome curto, carinhoso e familiar, agradou imediatamente a todos e assim foi baptizada a descoberta. Era um nome mais melodioso e mais fácil de pronunciar do que o de catálogo, AL 288, ou do que *Australopithecus afarensis*, a sua designação científica. Os etíopes que integravam a expedição chamaram-lhe *Birkinesh*: «És maravilhosa.»

Como podemos descrever Lucy, a primeira estrela negra deste livro? Cinquenta e dois pequenos ossos identificáveis, cinquenta e dois fragmentos que bastaram para decifrar e compreender o que foi a sua vida. Depois de os montarem de maneira a reconstruir

uma silhueta, os investigadores ficaram com uma ideia da idade dela, da altura, do peso, do tipo de marcha, dos gestos e da voz que a caracterizavam, descreveram o seu regime alimentar, a sua vida social e as circunstâncias em que ocorreu a sua morte...

Lucy media 1,20 metros de altura e pesava entre 20 e 25 quilos. A curvatura da coluna vertebral confirmava que conseguia manter-se na posição erecta. Era bípede, caminhava! A confirmação foi fornecida pela descoberta, no norte da Tanzânia, de um conjunto de pegadas de dois indivíduos caminhando lado a lado, datadas de uma época anterior em algumas centenas de milhares de anos àquela em que Lucy viveu. Os vestígios revelaram ainda que tinha os tornozelos estreitos e os dedos encurvados...

Em termos mais exactos, Lucy deslocava-se em passos curtos e rápidos e tinha uma marcha balanceada devido à instabilidade das articulações da anca. Na verdade, caminhava como um ser humano e trepava às árvores como um macaco, árvores onde permanecia suspensa durante metade do tempo.

A laringe não descera o suficiente para lhe permitir dominar a fala, pelo que se exprimia na linguagem dos símios e emitia gritos modulados quando precisava de alertar os seus congéneres. O padrão de desgaste dos dentes permitiu calcular que teria vivido numa zona de savana arborizada, onde se alimentava de frutos ou de rebentos, além de raízes e tubérculos e até de insectos ou de carcaças de pequenas dimensões.

Lucy integrava um grupo constituído por uma dezena de indivíduos que controlava um território, frequentemente hostil, com uma área entre dez e noventa quilómetros quadrados. Graças à sua astúcia e habilidade, conseguia escapar aos dentes recurvos do *Machairodus* (uma espécie de felino) e às presas dos *Dinotheriums* (uma espécie de elefante).

Lucy foi, pois, uma «mulher», como comprova a anatomia óssea da sua bacia, e uma «mulher negra». Para a proteger da extrema

agressividade dos raios ultravioleta emitidos pelo Sol da África tropical, a sua pele, provavelmente desprovida de pêlos, segregava uma quantidade significativa de melanina, um pigmento castanho-escuro. Não existe o branco, nem o amarelo, nem o negro. Existe uma cor única, o castanho, cujo espectro varia entre uma tonalidade mais clara, quando a produção de melanina é baixa, e uma tonalidade mais escura, quando a mesma é elevada. A pele é uma protecção biológica que varia em função da capacidade de absorção de raios UV pelos nossos corpos.

No fundo, não há nada mais simples e natural do que esta bela cor que tanta tinta e tanto sangue tem feito correr. O único inconveniente seria ter uma pele muito clara num país com muito sol, ou uma pele muito escura num país sem luminosidade, pois isso resultaria em carências de vitamina D durante a fase de crescimento das crianças.

No que diz respeito ao cabelo, podemos imaginar que o de Lucy era denso e em carapinha. Nos países quentes, os cabelos ajudam a fixar a água resultante da transpiração do couro cabeludo e a reduzir a desidratação. Nos países frios, o cabelo é mais liso, mais esticado e espaçado, para que a água possa circular.

Se nos abstrairmos do invólucro corporal de um ser humano e penetrarmos no interior do seu corpo, seremos incapazes de determinar a sua origem. Seja qual for a cor, ele será sempre constituído por 639 músculos, 5 litros de sangue e apresentará 99,9 por cento de semelhanças genéticas com todos os seus congéneres.

Calcula-se que oitenta mil milhões de humanos tenham surgido na Terra desde a origem da nossa espécie. À excepção dos gémeos verdadeiros, nenhum deles revelou possuir o mesmo património genético, ou seja, cada um é um ser único. Se aplicarmos o mesmo raciocínio a todos os traços variáveis do património genético humano, facilmente concluiremos que é possível encontrar um número de indivíduos diferentes muito superior à quantidade de

átomos existentes no universo (10^{80})! Assim, todos os que insistem em falar de raças deveriam, na verdade, referir que existem hoje «sete mil milhões de raças humanas distintas».

A coincidência de certas variantes genéticas, seja qual for o nosso aspecto físico, é explicada pelo facto de sermos todos progenitores e de a totalidade das populações humanas partilhar os mesmos antepassados longínquos. Os nossos genes são cópias dos genes dos primeiros humanos.

Depois de gerar meia dúzia de descendentes, ou quem sabe até uma dúzia deles, e de ter tido uma vida bastante preenchida, Lucy faleceu com vinte anos, uma idade avançada para uma época em que se atingia a maturidade aos dez. Ter-se-á afogado num pântano por fraqueza, por imprudência, vitimada por um acto de traição ou de forma puramente fortuita? Atestam os cientistas que uma coisa é certa: Lucy morreu por afogamento. Os necrófagos não dispersaram os seus ossos e a sua «sepultura» natural sobreviveu rodeada pelos sedimentos de lagos e rios.

O tempo passou. Desde a morte de Lucy, acumularam-se camadas sucessivas de sedimentos, e os descendentes de várias gerações de progenitores herdaram novas combinações das suas variantes genéticas. O crânio dos filhos dos filhos de Lucy evoluiu até adquirir as características do *sapiens*, e, com uma frequência cada vez maior, foram deixando o seu berço africano para se arriscarem para lá da savana. Embrenharam-se nas florestas, cruzaram os mares, atravessaram desertos e escalaram montanhas. Sempre que uma colina se erguia diante deles, tinham vontade de a subir e, uma vez chegados ao cume, desejavam prosseguir e ver mais além. E foi assim que os filhos de Lucy se multiplicaram e se espalharam por toda a Terra, até ao aparecimento do homem moderno, esse «emigrante africano».

OS FARAÓS NEGROS

TAHARKA

REINADO DE 690 A 664 A. C.



E se o imaginário da grande maioria das pessoas fosse diferente, se fosse negro e povoado por grandes personagens como os faraós? Decidi dar a um dos meus filhos o nome de um faraó do Império do Antigo Egito, Khephren*, pois desejava transmitir-lhe uma perspectiva mais vasta da História. Para que, através do seu nome de batismo, soubesse que a história dos povos negros não se resume à escravidão.

Em 2003, no sítio arqueológico de Doukki Gel, na Núbia, o egiptólogo Charles Bonnet descobriu um fosso com sete estátuas

* Em português, Quéfn. (N. da. t.)

monumentais, entre as quais a de Taharka, o mais glorioso dos faraós negros da XXV dinastia. Escreve o investigador:

Taharka tem um corpo de granito negro de grão muito fino. Um toucado ornado com duas serpentes cobre-lhe o cabelo. Uma das serpentes ostenta uma coroa branca; a outra, coroa vermelha. Ambas se entrelaçam para formar um nó duplo no topo do crânio antes de deixarem cair a cauda até à nuca...

As feições são finas e correctas e os lábios, ligeiramente carnudos, deixam adivinhar um sorriso. Tem os olhos pintados, as sobrancelhas espessas e juntas, um pescoço vigoroso e os ombros largos e arredondados. Um tecido plissado molda-lhe os quadris e, nos pés, são visíveis umas sandálias ornamentadas com um escarvalho alado que segura o disco solar com as patas dianteiras. Um cinto cinge-lhe a cintura e nele pode ler-se a seguinte inscrição: «O deus perfeito, Taharka, vive para sempre.»

Em 690 a.C., quando foi coroado rei do Egipto, em Mênfis (a alguns quilómetros do local onde hoje se situa a cidade do Cairo), Taharka já era herdeiro de um passado repleto de antepassados poderosos, pois era proveniente do grande reino negro da Núbia.

A Núbia era uma região situada a norte do actual Sudão, então conhecida como «reino de Kush» — referido na Bíblia, no Livro de Isaías 37: 9, e no II Livro dos Reis 19: 9 —, que tinha como capital a cidade de Napata.

Embora seja pouco conhecida do grande público, a civilização núbia ombreou desde sempre com as maiores civilizações da Antiguidade. Esta região e o Egipto nunca deixaram de manter uma ligação próxima, à semelhança de dois irmãos gémeos, cuja relação, como acontece frequentemente no seio das famílias, conheceu períodos de convívio harmonioso e fases de desagregação. Os egípcios precisavam dos metais e das jazidas de pedras

preciosas da Núbia, bem como dos produtos da actividade pastorícia e do seu génio militar, enquanto os núbios tiravam proveito dos bens manufacturados pelos egípcios. As duas regiões viveram, assim, longos períodos de trocas e intercâmbios, alternados com períodos de conflitos.

Por volta de 1560 a.C., muito antes de Taharka, os egípcios colonizaram a Núbia e lá permaneceram até ao ano 1000 a.C. Desta coexistência, que duraria mais de quinhentos anos, nasceu uma nova civilização, uma partilha, uma miscigenação cultural que resultou num enriquecimento mútuo. As famílias ilustres da Núbia enviavam os filhos para serem educados na corte dos faraós e os egípcios, por sua vez, aprendiam muito com os núbios, num intercâmbio de saberes em domínios tão diversos como a arte da guerra, a religião e as crenças, visto que os poderosos sacerdotes do templo de Carnaque eram de origem núbia.

Os núbios e os egípcios veneravam Ámon, deus do ar e da fecundidade. A sua estátua, um obelisco de rocha que mede setenta e quatro metros de altura e evoca a silhueta de uma serpente erecta, símbolo da realeza, perfila-se no grande templo construído no sopé da montanha sagrada Gebel Barkal, na Núbia. Dependendo da hora do dia em que a contemplamos, vê-se uma coroa branca ou vermelha... Em 1457 a.C., Tutmés III, o sexto faraó da XVIII dinastia, mandou registar numa estela que Ámon lhe aparecera em sonhos e que habitava em Gebel Barkal. A Núbia e o Egipto seriam, então, duas metades de um mesmo reino, o reino de Ámon, unido num passado mítico.

Ao longo de milhares de anos, o Egipto passou por períodos de fausto e expansão intercalados por épocas de declínio. Nas suas fases mais desfavoráveis, fragmentou-se numa miríade de principados antagonistas e sucumbiu à decadência política e cultural, circunstâncias que o tornaram vulnerável a invasões por parte dos países vizinhos. Em 747 a.C., aproveitando um desses momentos

de enfraquecimento, Pié, rei da Núbia, assumiu o controlo do vale do Nilo, inaugurando uma dinastia de faraós negros, que deixou marcas profundas na civilização egípcia.

O rei Pié conquistou Tebas e assegurou o controlo de Mênfis, o grande centro religioso do Egipto. Os relatos hoje disponíveis descrevem o novo faraó como um homem piedoso e íntegro, que evitava provocar derramamentos de sangue inúteis e que tratava os inimigos com clemência. Estas qualidades valeram-lhe o epíteto de «o imaculado», atribuído pelos romanos e gregos da Antiguidade. Concluída a pacificação do norte, o faraó regressou a Kush e instalou-se em Napata, onde morreu em 716 a.C.

O irmão de Pié, Chabaka, sucedeu-lhe no trono e fixou residência em Mênfis. Combateu e derrotou os chefes assírios e saítas e reunificou o sul e o norte, ao mesmo tempo que mandava edificar templos por todo o país, revitalizando o culto das divindades egípcias. Podemos supor que os faraós negros da Núbia se sentiam responsáveis pela preservação das tradições religiosas.

Este desejo de renascimento característico dos faraós negros é uma prova clara de que os núbios não se sentiam «estrangeiros» no Egipto. A sua conquista não reflectia um simples desejo expansionista, sendo as suas motivações mais profundas e também mais religiosas. Os núbios viam-se e sentiam-se como «herdeiros e antepassados» dos faraós do Egipto. O seu domínio estava inscrito na ordem divina das coisas, um regresso indispensável à época áurea do reino unificado de Ámon, que pode ser interpretado como o primeiro monoteísmo da História da humanidade. Como afirma o egiptólogo Timothy Kendall, os faraós negros da XXV dinastia eram «os representantes terrestres escolhidos por Deus para unificar e proteger o seu antigo reino». A preocupação em devolver ao Egipto o esplendor de eras passadas transparece claramente no empenho com que revitalizaram as tradições dos Impérios Antigo e Médio.

Chabataka, sobrinho do rei Pié e sucessor de Chabaka, recebeu a coroa em 702 a.C., em Tebas. Durante os vinte anos do seu reinado, manteve a paz, consolidou as crenças egípcias e revelou-se um grande impulsionador das artes, de acordo com o espírito dos seus antepassados. Seria sucedido pelo irmão, Taharka.

Taharka, o faraó negro cujos feitos são universalmente reconhecidos, integrou a grande linhagem dos construtores do Império Novo, recuperando as tradições ancestrais— as pirâmides como monumentos fúnebres e o estilo arcaico hieroglífico— com um zelo ainda maior do que o dos seus predecessores. O seu programa de edificações é lendário. Construiu templos em todo o território, de Kasr Ibrim a Semna e a Bouhen, reabilitou Tebas, nomeadamente Carnaque, onde procedeu à ampliação do lago sagrado e, à entrada do templo, acrescentou um pórtico formado por dez pilares com vinte e um metros de altura. As construções por ele encomendadas eram de uma beleza e de uma originalidade assombrosas.

Na sua Núbia natal, Taharka mandou restaurar o templo de Gebel Barkal, santuário subterrâneo e templo dedicado a Ámon, cujas salas escavadas na rocha da montanha sagrada se encontravam em ruínas desde a construção do edifício, no reinado de Ramsés II. Decorou as paredes com inscrições, restaurou os pilares e as colunas, mandou vir de terras longínquas estátuas gigantes e leões em granito vermelho... Foi um grande impulsionador da arte da escultura que, sendo uma continuação da tradição egípcia, não deixou de conservar um cunho núbio. Em Meroé, a capital do reino de Kush no século VI, restam ainda cerca de cinquenta pirâmides, existindo perto de trezentas em todo o Sudão.

Homem íntegro e justo, Taharka impôs uma política de equilíbrio e harmonia assente no respeito pela «lei de Maât». O *Livro dos Mortos do Antigo Egipto*, considerado a «Bíblia do Antigo Egipto», refere os preceitos, os deveres primordiais, de um faraó:

Pratica a justiça e terás uma vida longa na Terra;
 Consola aquele que chora;
 Não oprimas a viúva;
 Nunca expulses um homem da propriedade do seu pai;
 Nunca prejudiques os bens dos poderosos;
 Exime-te de aplicar castigos injustos.

Ameaçado pelos príncipes do norte e por uma invasão dos assírios, Taharka lutou furiosamente e, numa primeira fase, conseguiu impor-se e obrigar o inimigo a bater em retirada, merecendo, por isso, uma referência na Bíblia. Em 674 a.C., porém, foi derrotado em Mênfis por Assaradão, rei da Assíria.

Nos anais deste soberano lê-se:

A quinze dias de marcha de Mênfis, a sua residência real, combati dia após dia sem descanso, e travei batalhas sangrentas com Taharka, rei do Egipto e de Kush, maldito seja pelos deuses. Cinco vezes o feri com a ponta das minhas flechas, causando-lhe ferimentos mortais. Em seguida, cerquei Mênfis, a sua residência real, e tomei-a em meio dia à custa de minas, brechas e escadas de assalto. Arrasei-a, destruí as suas muralhas e incendiei-a. Como despojos de guerra, transportei comigo a sua rainha, o seu harém, o seu pretense herdeiro, Ushanukhuru, os seus outros filhos, os seus bens, os seus cavalos e o seu gado, grande e pequeno, em número incalculável.

Arrasado, tendo perdido a família, o exército e a sua capital no Egipto, Taharka refugiou-se em Tebas e a partir daí organizou a resistência. Dois anos mais tarde, recuperou o controlo de Mênfis e de uma parte do Baixo Egipto. Contudo, o sucessor de Assaradão, o mítico Assurbanípal, decidiu destruí-lo, «dando cumprimento às profecias de um oráculo», e esmagou o exército de Taharka num grande confronto em campo aberto.

Obrigado a refugiar-se de novo em Tebas, Taharka reflectiu sobre as terríveis derrotas, concluindo que estas se inscreviam na repetição de acontecimentos míticos prenunciadores do ressurgimento das forças do caos no país das duas terras.

Pouco se sabe acerca dos derradeiros anos da sua vida, a não ser que zelou para que o projecto das salas subterrâneas da sua sepultura na forma de uma pirâmide com sessenta metros de altura (a mais alta alguma vez construída no Sudão) fosse uma réplica do túmulo simbólico de Osíris, deus dos mortos. Fulminado pelas forças do caos, identificou-se com esta divindade assassinada pelo irmão, Seth, e em seguida ressuscitada por Ísis e Néftis. Tal como ela, também ele voltaria a viver. As forças do mal seriam banidas e Taharka restabeleceria o Maât e a unidade do império.

Após a sua morte, os seus sucessores continuaram a perpetuar a tradição do Antigo Egipto, persuadidos de que eram os guardiães legítimos da montanha sagrada. Para os homens da Antiguidade que rapidamente acorreram ao Egipto, a cultura egípcia provém da Núbia. No seu livro *Histoire des peuples de l'Orient (História dos Povos do Oriente)* (1886), Gaston Maspero, professor no Collège de France, resume deste modo a forma como a Antiguidade via os egípcios:

Quase todos os historiadores da Antiguidade sustentam que eles pertenciam a uma raça africana, ou seja, negra, que, tendo começado por se estabelecer na Etiópia, no curso médio do Nilo, terá descido gradualmente em direcção ao mar, seguindo o curso do rio...

A história de Taharka e da XXV dinastia faz parte dos relatos oficiais sobre os faraós negros. Citei-o como exemplo da «negritude» dos faraós por ser o único unanimemente reconhecido pelos investigadores. A natureza e as origens da herança do Antigo Egipto continuam a gerar controvérsia e as referências ao Egipto

dos faraós negros ainda suscitam acesas discussões e numerosos preconceitos.

O pioneiro da escola africana, o causador do escândalo, foi Cheikh Anta Diop (1923-1986), cientista senegalês cujos estudos e investigações contribuíram para a reintegração do Egipto na história geral de África. Em 1954, a sua tese, segundo a qual a civilização egípcia pertencia ao mundo negro-africano — o imperialismo ocidental teria «embranquecido» o prestigiado Egipto com o fim único de dar continuidade à colonização —, originou um coro de protestos e provocou indignação nos meios universitários franceses. A posição defendida por Cheikh Anta Diop sobre o Egipto negro é uma consequência do rigor científico que o caracteriza e do seu envolvimento político em causas como o combate ao *apartheid*, na África do Sul, e a defesa da democracia e da laicidade no Senegal. A publicação de *Nations nègres et culture* (*Nações Negras e Cultura*), em 1954, «a bandeira de uma revolução cultural que os negros agitavam diante de uma potência colonial que se recusava a abrir mão dos territórios ultramarinos» (segundo Lilyan Kesteloot, historiadora da literatura africana), encheu de entusiasmo os escritores da negritude. Aimé Césaire qualificou o livro como «o mais audacioso alguma vez escrito por um negro e um indubitável contributo para o despertar de África».

Até às décadas de 1950-1960, os historiadores europeus, ocidentais e árabes olharam sempre para o Antigo Egipto como uma parte das raízes da sua própria história e não como uma parte de África, conduzindo, assim, à separação entre o Antigo Egipto e a África negra.

A atribuição da autoria das grandes obras da civilização a uma mítica migração branca não constitui novidade. No século XIX, a descoberta da magnífica civilização do Zimbabué suscitou reacções enérgicas no seio da comunidade científica de todo o mundo. «A cidade não foi construída por africanos, pois o estilo

de construção é demasiado elaborado: é obra de colonos fenícios ou judeus», afirmou o alemão Karl Mauch, em 1871. Por sua vez, o arqueólogo inglês Theodore Bent concluiu, em 1890, que a civilização do Zimbabué fora edificada por «descendentes de invasores brancos provenientes do norte».

Seria preciso esperar até ao século XX para que egiptólogos como Jean Leclant, professor no Collège de France, e Jean Vercoutter, da Universidade de Lille, realizassem um estudo notável sobre a Antiguidade núbica e afirmassem, por ocasião do importante colóquio internacional do Cairo de 1974, que o Egipto é «africano na sua escrita, na sua cultura e na sua maneira de pensar». As teses de Cheikh Anta Diop eram, então, finalmente aceites, pelo menos em parte.

De facto, embora os seus trabalhos sejam citados e reconhecidos nos Estados Unidos, alguns investigadores europeus continuam a classificá-los como «afrocêntricos», acusando Diop de adoptar um ponto de vista ideológico, e não científico, e de ter «enegrecido» o Egipto com a finalidade de despertar a consciência dos negros africanos, levando-os a acreditar num passado prestigioso que era fictício. Não sou um especialista, pelo que não me compete decidir quem tem razão. No entanto, os textos mostram que os reinos de Kush e do Egipto não eram estruturas estanques, que as relações entre ambos não se restringiam às trocas comerciais e que a miscigenação cultural e populacional era uma prática corrente e tradicional. No que diz respeito à hipótese de alternância governativa, o reinado da XXV dinastia confirma-a.

Apesar da profunda alteração de perspectiva introduzida pelo trabalho de Cheikh Anta Diop, a história do Egipto permanece algo obscura em virtude do distanciamento temporal e da interpretação ocidental. Os reinados dos faraós negros ainda não revelaram todos os seus mistérios.

Em 1783, no regresso de uma viagem ao Egipto, Volney, orientalista e filósofo francês, escreveu:

Grande e profunda reflexão nos deve merecer a contemplação da actual barbárie dos coptas, fruto da união do génio profundo dos egípcios com o espírito brilhante dos gregos, e a ideia de que esta raça de homens negros, hoje nossos escravos e por nós desprezados, é a mesma a quem devemos as nossas artes, ciências e até a fala...

UM SÁBIO DA GRÉCIA ANTIGA ESOPO

SÉCULOS VII-VI A. C.



Há 2500 anos, entre Samos e Delfos, viveu um homem a quem chamavam «o coxo» (*aisopos*, em grego). Deixou cento e vinte e sete fábulas escritas em prosa, uma parte das quais seria recon-tada por Jean de La Fontaine, no século xvii. São textos que aprendemos na escola e cuja moral em verso ainda guardamos na memória. Na época de La Fontaine, as fábulas de Esopo eram um contributo muito importante para o ensino. Estudava-se *O Corvo e a Raposa*, *o Lobo e o Cordeiro*, *A Cigarra e a Formiga*, *O Carvalho e os Juncos*, *A Lebre e a Tartaruga*, *O Pote de Ferro e o Pote de Barro* e muitas outras. As alegorias de Esopo eram textos curtos e concisos escritos em prosa, que La Fontaine recriou em verso. O sucesso alcançado foi assinalável, suscitando o aparecimento de um grande

número de obras redigidas em verso, adaptadas para desenho e pintura e, mais tarde, para banda desenhada e para o cinema.

Existem duas versões da história grega. Numa, a cultura grega é apresentada como essencialmente europeia e emblemática da beleza branca, na outra, que é aceite pelos gregos dos períodos clássicos, é descrita como o produto de uma cultura miscigenada, oriunda de uma colonização empreendida por egípcios e fenícios, por volta do ano de 1500 a.C.

Na sua obra *L'Égypte, la Grèce et l'école d'Alexandrie (O Egípto, a Grécia e a Escola de Alexandria)*, o historiador congolês Théophile Obenga demonstrou que a superioridade intelectual e científica dos sacerdotes do Vale do Nilo não era contestada por nenhum sábio grego. Homero, Heródoto, Sócrates, Platão, todos reconheciam a sua dívida para com a civilização egípcia, que estava na origem de uma grande parte dos seus próprios mitos e costumes.

Heródoto, por exemplo, não se cansava de lembrar que o calendário astronómico que subdivide o ano em doze partes fora uma invenção egípcia e, cerca de 850 anos antes da nossa era, Homero afirmou que os médicos egípcios eram os «mais sábios do mundo». Aristóteles, por seu lado, escreveu que «o Egípto foi o berço das artes matemáticas».

Em *Black Athena (Atena Negra)*, a obra notável do historiador inglês Martin Bernal, são apresentadas provas convincentes das raízes afro-asiáticas da Antiguidade grega.

As matérias que aprendemos na escola são um legado dos preconceitos dos séculos XVIII e XIX, épocas em que a maioria dos iluministas, inseridos numa sociedade que vivia das receitas geradas pela escravatura, considerava impensável admitir que a Grécia podia ser o produto de uma miscigenação entre europeus e colonizadores africanos.

Todavia, a julgar pelas conclusões dos estudos mais recentes, Esopo seria núbio e teria sido levado para a Frígia como escravo, tendo as suas fábulas sido claramente inspiradas nas histórias da sua região. Os escravos sempre resistiram, não só através de acções espectaculares como as de Espártaco, mas também por meio de uma rebelião diária e cultural. Desenvolveram uma hábil estratégia intelectual, continuamente aperfeiçoada, que começava com a observação permanente dos amos, cujas fraquezas ficavam a conhecer.

Esopo transpôs, assim, para estas breves histórias as excentricidades dos amos, subvertendo o que lhe era imposto como forma de conservar a humanidade que lhe era negada. Graças às suas fábulas, encontrou a sua dignidade e corrigiu os seus modos. Elas continham recomendações de prudência, destreza e engenho, constituindo, com uma moral implacável, um verdadeiro «manual sobre como enfrentar a adversidade». Em *O Leão e o Rato*, este animal é, aparentemente, o elemento mais fraco, mas o leão acaba por revelar-se um simples «leão de papel», que precisa do rato para roer as cordas que o prendem.

Se os testemunhos da época são parcos em referências ao «negro» Esopo, o mesmo não pode dizer-se a respeito da sua horrível fealdade, a que não faltam alusões: «porco-macaco», «marmitta com pés», «asno afectado por um tumor», «amuleto contra o mau-olhado», «erro do dia». As descrições dão conta de um indivíduo barrigudo, de cabeça bicuda, nariz achatado, costas arqueadas, tez negra, físico atarracado e torcido, braços curtos, pernas arqueadas e lábios grossos. Além disso, expressa-se de forma confusa e desarticulada.

Mas não nos deixemos enganar. Se algo havia de monstruoso nele era a inteligência. O horrível retrato de Esopo engrandecia-o, pois acentuava o contraste entre a sua aparência e o seu espírito engenhoso e astuto. Sob a «máscara grotesca» escondiam-se «imagens fascinantes».

Ao longo da sua vida de escravo, Esopo travou um combate incessante contra Xanto, o amo, cujo nome significa «Louro». A vida de Esopo é a história de um amo «louro» que é constantemente humilhado pelo seu escravo «negro», um amo forçado a mendigar a ajuda do seu escravo e até a deixá-lo agir em seu lugar...

Esopo foi alforriado após a morte do amo e, mal se viu livre, recuperou a fala. Encontrou-se com Creso numa missão diplomática, na qual foi bem-sucedido graças a uma fábula, e em seguida ofereceu os serviços ao «rei da Babilónia», que se deliciava com os seus enigmas e pequenas histórias.

Um intenso desejo de viajar levou-o até Delfos, onde se deixou inebriar pelo próprio talento e, à semelhança do que aconteceu com a rã das suas fábulas, inchou. Dominado por um orgulho desmedido, ergueu uma estátua sua ao lado das musas e renegou as origens, chegando a chamar aos habitantes de Delfos «filhos de escravos» pelo simples facto de não possuírem terras de cultivo suficientes para assegurarem o próprio sustento.

Irritados, os naturais de Delfos decidiram desembaraçar-se de Esopo. Em segredo, colocaram um cálice sagrado na bagagem do antigo escravo, que foi preso e acusado do roubo de um objecto sagrado quando percorria a antiga estrada para Focide. Julgado e considerado culpado, foi condenado a ser atirado do alto de um rochedo, situado nas proximidades do grande templo de Delfos.

Escreveu Jean de La Fontaine:

No trajecto que o levava ao lugar do suplício, arranjou maneira de escapar e refugiou-se num pequeno templo dedicado a Apolo, de onde foi arrancado pelos habitantes de Delfos. «Violastes este refúgio», disse-lhes Esopo, «que não é mais do que um pequeno templo. O dia chegará, porém, em que a vossa maldade não encontrará abrigo seguro, nem mesmo no interior dos templos. Suceder-vos-á

o mesmo que à Águia, que, não obstante as súplicas do Caracol, levou consigo uma Lebre a quem o Caracol dera refúgio; a progenera da Águia acabou castigada no próprio colo de Júpiter.»

Pouco depois da morte de Esopo, a população foi atingida por um surto de peste de uma grande virulência. Os habitantes de Delfos perguntaram ao oráculo como poderiam apaziguar a ira dos deuses e ele respondeu-lhes que aquela era a única forma de expiarem a sua maldade e de satisfazerem a alma de Esopo...

Todas as crianças conhecem as fábulas de La Fontaine, mas seria bom que os professores explicassem a relação que elas mantêm com as histórias de Esopo, a ligação entre o negro e o branco. Ensinar aos alunos que a inteligência não tem cor é educá-los a recusar o racismo com sensibilidade, inteligência e sentido de humor.

**PALAVRAS QUE LIBERTAM O FUTURO
DR. GILLES-MARIE VALET**

Há uns anos, recebi no meu consultório o jovem Mathieu, então com treze anos. Nem as expulsões de vários colégios, nem os doze meses passados em regime de internato num estabelecimento especializado em questões de disciplina haviam suavizado o seu temperamento violento, ou resolvido os seus problemas de relacionamento. Aconselhada por um pedagogo, a mãe acedera, resignada, a levá-lo a uma consulta de pedopsiquiatria. Segundo ela, Mathieu sempre denotara um temperamento turbulento, mas a situação agravara-se no início da adolescência.

A criança crescera convencida de que o pai morreria quando ela era ainda bebé, sem que ninguém, no entanto, lhe tivesse explicado o que realmente sucedera. As diferentes versões da história que lhe contaram não lhe permitiam adivinhar o género de homem que fora o pai. A partir dos dez anos, Mathieu mostrou-se mais sensível às contradições, mais atento aos comentários inadvertidos que davam a entender que o pai estaria vivo e que residiria a curta distância da casa onde o próprio Mathieu vivia. Assim percebeu que fora abandonado por um homem que passou a imaginar como o mais abominável dos indivíduos...

Por que razão a família preferira manter o rapaz na ignorância? Para o poupar a uma terrível realidade? Não obstante, todos os não-ditos que, de forma mais ou menos inconsciente, lhe haviam permitido adivinhar um segredo funesto fomentaram nele um sentimento de mal-estar de que os problemas de comportamento eram apenas um sintoma.

A convicção de que se é filho do nada, filho de Deus ou do Diabo, com toda a desumanização daí decorrente, não permite a construção de uma identidade suficientemente serena para enfrentar os outros.

Há alguns dias, Lilian Thuram pediu-me para ler o original de *As Minhas Estrelas Negras*. O paralelismo entre as crianças que ignoram as suas origens e um povo amputado de uma parte da sua história pareceu-me desde logo evidente. A necessidade de reconhecimento é a mesma, assim como são idênticas a forma mais ou menos violenta de reivindicar e o sentimento de ter sido enganado ou traído, associados por seu turno a um risco semelhante de retraimento da identidade em torno de aspectos redutores destes seres (cor da pele, sexo, concepções religiosas ou filosóficas...).

Malcolm X, Cassius X e todos os que a História obrigou a mudarem de nome, me remeteram para os meus jovens doentes nascidos de X que, perante a impossibilidade de acederem ao menor fragmento da sua história pessoal, se sentiam confusos e tinham dificuldade em viver.

A que sequelas ficamos sujeitos quando nos ocultam a verdade acerca das nossas origens?

Os danos ocorrem, sobretudo, no plano identitário.

A identidade pessoal constrói-se progressivamente; é um processo complexo que combina o sentimento de ser único com o de pertença (a uma família, um grupo, uma cultura...) e o de valor pessoal. Estes sentimentos, no entanto, desenvolvem-se em função das experiências vividas pela criança desde muito cedo em três dimensões concomitantes: individual, de grupo (a família, os amigos, a sociedade) e cultural. Estes diferentes contextos interagem e, para que possamos estar em sintonia connosco próprios, devemos sentir-nos singulares (diferentes dos outros e dotados de qualidades

que nos são próprias) e, simultaneamente, reconhecidos pelo outro e aceites nas nossas especificidades, sejam elas físicas, de personalidade, sexuais... Gostar da cor dos nossos olhos ou da textura do nosso cabelo, saber que se é rapariga ou rapaz, fazem parte desta construção identitária da mesma maneira que sermos reconhecidos como filhos ou filhas dos nossos pais, percebidos pelos outros como pessoas generosas ou autoritárias, fiéis a determinados valores ou rebeldes. O autoconhecimento e a auto-estima, associados ao reconhecimento do nosso valor, nomeadamente pelos outros, são, pois, as bases deste equilíbrio identitário.

Dois processos complementares intervêm em simultâneo: um mecanismo de identificação com os outros e um mecanismo de distinção em relação a eles. Os pais são os primeiros suportes deste fenómeno de identificação-rejeição, seguidos dos ascendentes (avós, que conhecemos pessoalmente ou de quem ouvimos falar), os familiares próximos e depois as relações sociais (amigos, inimigos)... Os ídolos, heróis dos contos de fadas que nos contam na infância, bem como as personagens históricas cujas proezas ou erros ficamos a conhecer, estão igualmente incluídos neste panteão, simultaneamente pessoal e herdado dos que nos rodeiam.

Se um dos pilares desta identificação estiver ausente, ou se os seus alicerces forem corroídos por não-ditos, todo o edifício fica fragilizado.

O mesmo é válido para as sociedades humanas, que, tal como as crianças, têm necessidade de saber quem são os seus ascendentes, a fim de desenvolver uma identidade equilibrada e serena, isto é, em harmonia consigo mesmas ou, mais exactamente, com cada uma das suas partes. Os desafios inerentes a um tal conhecimento são, por isso, não apenas culturais ou intelectuais, mas também psicológicos e educativos, pois ele permite evoluir serenamente e evitar, por exemplo, os tais retraimentos identitários centrados em

aspectos parcelares da sociedade. Esses aspectos, que se têm como característicos quando são apenas caricaturais, favorecem organizações em função de referências étnicas, religiosas ou doutrinárias susceptíveis de conduzirem a posicionamentos extremistas.

Porque nos recorda a história de homens e mulheres que contribuíram para a História da humanidade, mas que foram esquecidos ou excluídos dos manuais escolares, este livro repõe uma parte da «anamnese» da nossa sociedade. Atrevo-me a alimentar a esperança de que este trabalho necessário de reconhecimento possa contribuir para expandir a nossa sociedade, como se estivesse integrado numa terapia.

Na história de Mathieu, o que está em causa não é a ausência do pai, mas o não-dito, a privação de um direito relacionado com o seu nome e a sua pessoa. Pouco importa que este homem seja bom ou mau, pois é o silêncio que impede o filho de se identificar com ele ou de se distinguir dele.

Nas minhas conversas iniciais com a mãe, ela tinha dificuldade em evocar—em virtude do rancor que sentia pelo homem que a abandonara com um bebé nos braços—o progenitor, que se revelara incapaz de assumir as suas responsabilidades como pai. E, no entanto, as recordações da relação entre ambos não eram distantes, e do homem que amara restavam, apesar de tudo, as marcas da emoção dos primeiros encontros, a memória do que lhe agradara nele e que, por vezes, vislumbrava no filho, assim como a recordação dos momentos de paixão de que este era fruto... Palavras que Mathieu finalmente pôde ouvir.

Há algumas semanas, fiquei a saber que Mathieu se encontrara com o pai. Não tinham nada a dizer um ao outro e o encontro não teve continuidade. Este confronto essencial, contudo, tê-lo-á, provavelmente, ajudado a ultrapassar um obstáculo de maneira que ele próprio possa, um dia, vir a ser pai.

Também as sociedades devem ser confrontadas com a sua História, a fim de passarem do obscurantismo ao humanismo e evoluírem de forma harmoniosa.

Dr. Gilles-Marie Valet
Pedopsiquiatra

BIBLIOGRAFIA

- AADV, *Soudan, Royaumes sur le Nil*, Flammarion, 1997.
- ABDELOUAHAB, Farid; BLANCHARD, Pascal (coord.), *Grand-Ouest: Mémoire des outre-mers*, Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- ABÉLAÏDE-MERLANDE, Jacques; BÉLÉNUS, René; RÉGENT, Frédéric, *La Rébellion de la Guadeloupe, 1801-1802*, Gourbeyre, 2002.
- ABU-JAMAL, Mumia, *Une vie dans le parti des Black Panthers*, Le Temps des cerises, 2006.
- ANTOINE, Yves, *Inventeurs et Savants noirs*, L'Harmattan, 1998.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Amkoullel, l'enfant peul. Mémoires I*, Actes Sud, 1991.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Oui mon commandant! Mémoires II*, Actes Sud, 1994.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Contes initiatiques peuls*, Stock, 1994.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOUBEKER, Ahmed; DEROO, Éric (coord.), *Frontière d'empire, du Nord à l'Est. Soldats coloniaux et immigrations des Suds*, La Découverte, 2008.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOËTSCH, Gilles; DEROO, Éric; LEMAIRE, Sandrine (coord.), *Zoos humains. Au temps des exhibitions humaines*, La Découverte, 2002.
- BERNAL, Martin, *Black Athena. Les racines afro-asiatiques de la civilisation classique*, PUF, 1999.
- BERTHÈS, Colette; FILLAIRE, Bernard, *La Machine à tuer*, Les Arènes, 2000.
- BÉTHUNE, Christian, *Le Rap, une esthétique hors la loi*, Autrement, 2003.
- BETI, Mongo, *Main basse sur le Cameroun, autopsie d'une décolonisation*, Maspéro, 1972.
- BETI, Mongo, *La France contre l'Afrique. Retour au Cameroun*, La Découverte, 1993.
- BETI, Mongo; TOBNER, Odile, *Dictionnaire de la négritude*, L'Harmattan, 1989.
- BLANCHARD, Pascal; MANCERON, Gilles; DEROO, Éric, *Le Paris noir*, Hazan, 2001.
- BONNET, Charles; VALBELLE, Dominique, *Des pharaons venus d'Afrique*, Citadelles & Mazenod, 2005.
- BRAECKMAN, Colette, *Lumumba, un crime d'État*, Aden, 2009.
- BRAFLAN-TROBO, Patricia, *Société post-esclavagiste et management endogène. Le cas de la Guadeloupe*, L'Harmattan, 2009.

- BRETAGNE, Jean-Marie, *Battling Siki*, Philippe Rey, 2008.
- BRETON, André, *Martinique, charmeuse de serpents*, Pauvert, 1972.
- CACHIN, Olivier, *Cent albums essentiels du rap*, Scali, 2006.
- CÉSAIRE, Aimé, *Discours sur le colonialisme*, Présence africaine, 1955.
- CÉSAIRE, Aimé, *Toussaint-Louverture. La Révolution française et le Problème colonial*, Présence africaine, 1962.
- CÉSAIRE, Aimé, *Une saison au Congo*, Seuil, 1966 ; «Points», 2001.
- CEYRAT, Antony, *Jamaïque. La construction de l'identité noire depuis l'indépendance*, L'Harmattan, 2009.
- CHERKI, Alice, *Frantz Fanon, portrait*, Seuil, 2000.
- CLARK, Kenneth B., *Nous, les Nègres*, La Découverte, 1963.
- CONDÉ, Maryse, *La Civilisation du bossale*, L'Harmattan, 1978.
- CONDÉ, Maryse, *An tan revolisyon*, Conselho Regional de Guadalupe, 1989.
- COPPENS, Yves, *Le Genou de Lucy*, Odile Jacob, 1999.
- COPPENS, Yves; REEVES, Hubert; ROSNAY, Joël de; SIMONNET, Dominique, *La plus belle histoire du monde*, Seuil, 1996.
- CORDIER, Daniel, *Jean Moulin*. Tomo 2, *Le Choix d'un destin*, Lattès, 1989.
- DAMAS, Léon-Gontran, *Pigments*, pref. de Robert DESNOS, Guy Lévy Mano, 1937 ; reed. Présence africaine, 1962.
- DAMIS, Christine, «Le philosophe connu pour sa peau noire: Anton Wilhelm Amo», *Rue Descartes*, n.º 36, 2002.
- DAVIDSON, Basil, *L'Afrique avant les blancs*, PUF, 1962.
- DEGRAS, Jean-Claude, *Mortenol, le capitaine des vents*, New Legend, 2004.
- DE WITTE, Ludo, *L'Assassinat de Lumumba*, Karthala, 2000.
- DIARRA, Cheick Modibo, *Navigateur interplanétaire*, Albin Michel, 2000.
- DIOP, Boubacar Boris, *L'Afrique au-delà du miroir*, Philippe Rey, 2007.
- DIOP, Cheikh Anta, *Nations nègres et culture*, Présence africaine, 1954.
- DIOP, Cheikh Anta, *Civilisation ou barbarie*, Présence africaine, 1981.
- DIOP-MAES, Louise-Marie, *Afrique noire, démographie, sol et histoire*, Présence africaine, 1996.
- DORIGNY, Marcel e ZINS, Max-Jean (coord.), *Les traites négrières coloniales, Histoire d'un crime*, Cercle d'Art, 2009.
- DUBOIS, Laurent, *Les Vengeurs du Nouveau Monde. Histoire de la révolution haïtienne*, Les Perséides, 2005.
- DURPAIRE, François; RICHOMME, Olivier, *L'Amérique de Barack Obama*, Dermopolis, 2007.
- DUVAL, Eugène-Jean; RIVES, Maurice, *Pour une parcelle de gloire oubliée. Les tirailleurs sénégalais pendant les conflits du XX^e siècle*, brochura registada na BNF em 2006.
- EQUIANO, Olaudah, *Ma véridique histoire*, Mercure de France, 2008.
- FABRE, Michel, *Esclaves et Planteurs*, Julliard, 1970.

- FABRE, Michel, *Richard Wright, la quête inachevée*, Lieu commun, 1986.
- FANON, Frantz, *Les Damnés de la terre*, Maspero, 1961.
- FANON, Frantz, *Peau noire, masques blancs*, Seuil, 1952.
- FARRAUDIÈRE, Sylvère, *L'École aux Antilles, le rendez-vous manqué de la démocratie*, L'Harmattan, 2008.
- FISHER-BLANCHET, Inez, *Capitaine de vaisseau Mortenol: croisières et campagnes de guerre, 1882-1915*, L'Harmattan, 2001.
- FOFANA, Aboubakar (caligr.); TATA CISSÉ, Youssouf (trad.), *La Charte du Mandé et autres traditions du Mali*, Albin Michel, 2003.
- GALEANO, Eduardo, *Sens dessus dessous. L'école du monde à l'envers*, Homnisphères, 2004.
- GASSAMA, Mahkily (coord.), *L'Afrique répond à Sarkozy. Contre le Discours de Dakar*, Philippe Rey, 2008.
- GAUTIER, Arlette, *Les Sœurs de Solitude, la condition féminine dans l'esclavage aux Antilles du XVII^e au XIX^e siècle*, L'Harmattan, 1985.
- GENDZIER, Irène, *Frantz Fanon*, Seuil, 1973.
- GNAMMANKOU, Dieudonné, *Abrabam Hanibal, l'aïeul noire de Pouchkine*, Présence africaine, 1998.
- GNAMMANKOU, Dieudonné, *Pouchkine et le Monde noir*, Présence africaine, 1999.
- GNAMMANKOU, Dieudonné; MODZINO, Yao (coord.), *Les Africains et leurs descendants en Europe avant le XX^e siècle*, MAT, 2006.
- GOULD, Stephen Jay, *La Malmesure de l'homme*, Ramsay, 1983.
- GRÉGOIRE, Abade, *De la littérature des nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature*, Maradan, 1808.
- HALEY, Alex, *Racines*, J'ai Lu, 1976.
- HECTOR, Michel; DORIGNY, Marcel, «Un Hommage à Gérard Barthélemy, un ami d'Haïti», *Revue de la société haïtienne d'histoire et de géographie*, n.º 236, Janeiro-Junho 2009.
- HOCHSCHILD, Adam, *Les Fantômes du roi Léopold. La terreur coloniale dans l'État du Congo (1884-1908)*, Texto, 1998.
- HOLIDAY, Billie, *Lady Sings the Blues*, Parenthèses, 1956, 2002.
- HOPQUIN, Benoît, *Ces Noirs qui ont fait la France*, Calmann-Lévy, 2009.
- JÉRÉMIE, Joseph, *Haïti et Chicago, de Saint-Marc à Saint-Charles, Missouri*, Henri Deschamps, 1950.
- KESTELOOT, Lilyan, *Histoire de la littérature négro-africaine*, Karthala, 2001.
- KING, Martin Luther, *Autobiographie*, Bayard, 2008.
- KI-ZERBO, Joseph, *Repères pour l'Afrique*, Panafrika/Silex/Nouvelles du Sud, 2007.
- KI-ZERBO, Joseph; TAMSIR NIANE, Djibril, *Histoire générale de l'Afrique*, vol. IV, Présence africaine/Edicef/Unesco, 1991.
- KOECHLIN, Stephane, *Jazz Ladies*, Hors Collection, 2006.

- KOM, Ambroise, *Mongo Beti parle*, Homnisphères, 2006.
- LANGANEY, André; HUBERT VAN BLIJENBURGH, Ninian; SANCHEZ-MAZAS, Alicia, *Tous parents, tous différents*, Muséum national d'histoire naturelle, 1995.
- LARA, Ofuno D., *Morténo ou les infortunés de la servitude*, L'Harmattan, 2001.
- MALAURIE, Jean, *Ultima Thulé*, Bordas, 1990.
- MALCOLM X, *Le Pouvoir noir*, La Découverte, 1965.
- MANDELA, Nelson, *L'Apartheid*, Minuit, 1965, 1985.
- MANDELA, Nelson, *Un long chemin vers la liberté*, Fayard, 1995.
- MARAN, René, *Batouala. Véritable roman nègre*, Albin Michel, 1921.
- MARGOLICK, David, *Strange Fruit*, Allia, 2009.
- MASON JR., Julian D., *The Poems of Phillis Wheatley*, 1966.
- MICHEL, Marc, *Les Africains et la Grande Guerre. L'Appel de l'Afrique (1914-1918)*, Karthala, 2003.
- MOULIN, Jean, *Premier Combat*, Minuit, 1965.
- NIANG, Mangoné, *La Charte du Kurkan Fuga. Aux sources d'une pensée politique en Afrique*, L'Harmattan, 2008.
- NOËL, Erick, *Être noir en France au XVIII^e siècle*, Tallandier, 2006.
- OBAMA, Barack, *Les Rêves de mon père*, Presses de la Cité, 2008.
- OBENGA, Théophile, *L'Égypte, la Grèce et l'école d'Alexandrie. Histoire interculturelle dans l'Antiquité, aux sources égyptiennes de la philosophie grèque*, L'Harmattan, 2005.
- ONANA, Charles, *La France et ses tirailleurs*, Duboiris, 2003.
- PASTOUREAU, Michel, *Noir, histoire d'une couleur*, Seuil, 2008.
- PHILONENKO, Alexis, *Histoire de la boxe*, Bartillat, 2002.
- REYNAUD PALIGOT, Carole, *La République raciale, 1860-1930*, PUF, 2006.
- RIVES, Maurice; DIETRICH, Robert, *Héros oubliés*, Frères d'armes, 1993.
- SALA-MOLINS, Louis, *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*, PUF, 1987.
- SCHOELCHER, Victor, *Esclavage et Colonisation*, introd. de Aimé Césaire, PUF, 1948.
- SCHOELCHER, Victor, *Vie de Toussaint-Louverture*, Karthala, 1982.
- SCHWARZ-BART, André, *La Mulâtresse Solitude*, Seuil, 1972.
- SENGHOR, Léopold Sédar, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, précédée de *Orphée noir*, PUF, 1948.
- SERBIN, Sylvia, *Reines d'Afrique et Héroïnes de la diaspora noire*, Sépia, 2006.
- SIMARD, Éric, *Rosa Parks, la femme qui a changé l'Amérique*, Oskar, 2007.
- SKOUMA, Freddy Saïd, *Le Corps du boxeur*, Pauvert, 2001.
- SMERALDA, Juliette, *Peau noire, cheveu crépu. L'histoire d'une aliénation*, Jasor, 2005.
- SULLIVAN, Otha Richard, *African American Inventors*, John Wiley & Sons, 1998.
- SULLIVAN, Otha Richard, *African American Women Scientists and Inventors*, John Wiley & Sons, 2001.
- TAUBE, Michel, *L'Amérique qui tue. La peine de mort aux USA*, Michel Lafon, 2001.
- THURAM, Lilian, *8 juillet 1998*, Anne Carrière, 2004.

- TOUMSON, Roger; HENRY-VALMORE, Simonne, *Aimé Césaire, Le Nègre inconsolé*, Vent d'ailleurs, 2002.
- WRIGHT, Richard, *Un enfant du pays*, Gallimard, 1940.
- WRIGHT, Richard, *Black Boy*, Gallimard, 1945.
- WRIGHT, Richard, *Haïku: cet autre monde*, La Table ronde, 2009.

AGRADECIMENTOS

Lucie Alves, Alain Anselin, Agnès b., Serge Bahuchet, Cécile Berger, Vincent Bessières, Pascal Blanchard, Claude Boli, Pascal Boniface, Anne Bosco, Jackie Vernon Boyd, Pascal Brice, Philippe Broussaud, Jacques Bungert, James e Laurence Burnet, a equipa de B. World Connection, Olivier Cachin, Juan Campmany, Martine Castro, Yves Coppens, Christine Coste, Thierry Demaizière, Paul Demougeot, Hugues Després, Rokhaya Diallo, Cheick Modibo Diarra, Doudou Diène, Cheik M'baké Diop, Louise-Marie Diop-Maes, Yandé Christiane Diop, Marcel Dorigny, Elsa Dorlin, Laurent Dubois, François Durpaire, Patrick Estrade, Mireille Fanon-Mendès France, Mostafa Fourar, Muriel Gauthier, Martine Geiger, Henriette Girard, Édouard Glissant, Dieudonné Gnamankou, Alfons Godall Martinez, Olivier Guilbaud, Catherine Guillebaud, Jean-Claude Guillebaud, Mary Ann Hennessey, Stéphane Hessel, Evelyne Heyer, Ninian Hubert Van Blyenburgh, Rachel Khan, Serge Kotchounian, Richard E. Lapchick, Joan Laporta Estruch, Yannis Marian, Thierry Marszaleck, Stéphane Martin, Achille Mbembe, Elikia Mbokolo, Nathalie Mercier, Anne Meudec, Philippe Miclot, Edgar Morin, Rachel Mulot, Maguy Nestoret, Sylvie Ofranc, Josep Ortado, Sif Ourabah, Ghislaine Prévos, Pierre Raynaud, Christophe Réthoré, Carole Reynaud Paligot, Maurice Rives, Anne Roussel-Versini, Marie Santiago, Isabelle Sauvé, Marta Segú i Estruch, François Sémah, Christian Séranot-Sauron, Sylvia Serbin, Jean-Claude Tchikaya, Alban Teurlai, Odile Tobner, Tzvetan Todorov, Dominique Valbelle, Jean-Louis Valentin, Gilles-Marie Valet, Françoise Vergès e a equipa da Maison des Civilisations et de l'Unité Réunionnaise (MCUR), Paul Vergès, Anna Vicente, Rafael Vila San Juan, Marga Villoria, Michel Wieviorka, Julia Wright, Gihane Zaki.

Obrigado ao Bernard pela paciência e por me ter escutado.
E muito obrigado a Lionel Gauthier... por tudo.



**AS MINHAS
ESTRELAS NEGRAS**

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela Guide,
Artes Gráficas, sobre papel Coral Book
de 80 g, durante o mês de Setembro de 2013.

